



O GRUPO FOCAL NA PESQUISA QUALITATIVA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS

THE FOCUS GROUP ON QUALITATIVE RESEARCH: PRINCIPLES AND FUNDAMENTALS

Avani Maria de Campos Corrêa*, Guilherme Saramago de Oliveira*, Anny Carolina de Oliveira*.

Palavras-chave
Grupo Focal.
Pesquisa científica.
Pesquisa Quantitativa e Qualitativa.
Técnica de Entrevista.

Resumo: O presente artigo consubstanciou-se por meio de uma pesquisa bibliográfica. Apresentou, de forma geral, concepções e características da pesquisa científica, as diferenças e especificidades entre a pesquisa quantitativa e qualitativa, bem como a técnica da entrevista no entendimento de alguns teóricos metodológicos. Como foco principal, elucidou-se a definição e a organização da técnica de entrevista de Grupo Focal. Concluiu-se que o Grupo o focal é uma técnica eficiente de investigação interativa entre os participantes de um determinado grupo de interesse do pesquisador, respeitando-se o princípio da não diretividade.

Keywords
Focus Group.
Scientific Research.
Quantitative and Qualitative Research.
Interview Technique.

Abstract: This article was consolidated through a bibliographical research. It presented, in general, conceptions and characteristics of scientific research, the differences and specificities between quantitative and qualitative research, as well as the interview technique in the understanding of some methodological theorists. As main focus, the definition and organization of the Focus Group interview technique was elucidated. It was concluded that the focus group is an efficient technique of interactive investigation among the participants of a certain interest group of the researcher, respecting the principle of non-directivity.

Palabras clave
Grupo de enfoque.
Investigación científica.
Investigación cuantitativa y cualitativa.
Técnica de entrevista.

Resumen: Este artículo se consolidó mediante una investigación bibliográfica. Presentó, en general, concepciones y características de la investigación científica, las diferencias y especificidades entre la investigación cuantitativa y cualitativa, así como la técnica de la entrevista en la comprensión de algunos teóricos metodológicos. Como foco principal se aclaró la definición y organización de la técnica de entrevista de Focus Group. Se concluyó que el focus group es una técnica eficaz de investigación interactiva entre los participantes de un determinado grupo de interés para el investigador, respetando el principio de no directividad.

* Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0



1. Ideias Iniciais

A pesquisa científica pode ser considerada um inquérito ou exame minucioso, cujo escopo é resolver um problema por meio de procedimentos científicos. Lehfeld (1991) trata a pesquisa como uma inquisição, procedimento sistemático e intensivo, cujo intuito é descobrir e interpretar os fatos de uma determinada realidade.

Em tempos passados, a pesquisa científica era essencialmente atrelada às questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, testes de hipóteses e estatística. No entanto, com a necessidade de se compreender os fenômenos sociais, alargou-se essa visão para contemplar uma metodologia de investigação que abrangesse a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais em que se vincula o pensamento e a ação, característica do que hoje conhecemos como abordagem da pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; MINAYO, 2009).

Na pesquisa qualitativa, nesse sentido, entende-se que um fenômeno social pode ser melhor compreendido e estudado quando realizado dentro do contexto em que os participantes da pesquisa estão inseridos, e sua análise deve ser feita de forma integrada. A empregabilidade da referida pesquisa é evidenciada nas Ciências Sociais, cuja preocupação basilar é a compreensão da lógica que permeia a prática social ocorrida na realidade (SEVERINO, 2007).

Necessário se faz enfatizar, de acordo com Yin (2016), que a pesquisa qualitativa, portanto, estuda o meio social das pessoas no ambiente em que vivem e pressupõe uma “[...] relação subjetiva entre pesquisador e objeto/fenômeno de estudo que não pode ser abordada por meio de números exclusivamente” (VILELA JÚNIOR; PASSOS, 2020, p. 20).

Nesse norte, importante se faz mencionar uma técnica bastante utilizada nas Ciências Sociais, que é a entrevista. Para Gil (2007), ela é uma maneira de interação social cujo objetivo é aquisição dos dados que são interessantes à investigação exatamente por sua flexibilidade, sendo concebida como técnica indispensável de investigação em várias áreas.

Cervo (2007, p. 51), menciona que “[...] a entrevista não é uma simples conversa. É uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher por meio do interrogatório do informante, dados para a pesquisa”. Dessa forma, a entrevista garante uma interpretação a partir das respostas dadas pelos entrevistados. De acordo com

Triviños (1987, p. 152), ela “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também a explicação e a compreensão de sua totalidade”.

No entendimento de Oliveira *et al.* (2020),

Os pesquisadores, por meio da utilização da entrevista, buscam obter os dados objetivos e subjetivos necessários ao estudo. Os dados objetivos podem ser obtidos também, por meio do uso de fontes secundárias (censos, estatísticas e outros). Entretanto, os dados subjetivos, de maneira geral, só podem ser obtidos por meio do uso da entrevista, uma vez que tais dados se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões das pessoas entrevistadas (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 04).

Juntamente à entrevista, o Grupo Focal é uma técnica qualitativa importante a ser apresentada neste estudo, visto que, segundo Gatti (2005, p. 9), ela tem como objetivo captar entre os participantes percepções os sentimentos e ideias, possibilitando a compreensão de diversos pontos de vista e processos emocionais, advindo do próprio contexto de interação criado.

Para Minayo (2009, p. 132), essa estratégia de coleta de dados pode e deve ser utilizada justamente por seu caráter dinâmico, posto que cada entrevista é parte relevante da pesquisa (por causa dos dados específicos que nela afloram), ressaltando-se que é esse conjunto de dados que encadeará as informações que o pesquisador lançará mão para compor a análise.

Isto posto, este estudo apresenta algumas concepções e características da pesquisa qualitativa, avalia a entrevista como parte dessa abordagem e, por fim, demonstra como a técnica de Grupo Focal é importante quando se pretende estudar um grupo de pessoas em seus contextos de ação.

2. A pesquisa qualitativa

A pesquisa científica é um processo que exige planejamento e tempo. Isso significa que não é uma atividade fácil e nem simples, por demandar um tratamento formal aliado ao pensamento reflexivo. Assim, nos ancoramos na fundamentação de Minayo (2009) ao asseverar que a pesquisa é uma atividade básica da Ciência tanto na sua indagação quanto na construção da realidade, visto que:

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser

intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (MINAYO, 2009, p. 17).

Dessa maneira, reitera-se a concepção da referida autora ao compreendermos a pesquisa como processo de produção de conhecimento e cuja função é interpretar a realidade vivida.

Na acepção de Gil (2007, p. 17), a pesquisa é o “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Tal como demonstrado pelo referido autor, a pesquisa realiza-se por algumas fases que abrangem desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. Sendo assim, a pesquisa científica tem diferentes definições, classificações e vai depender dos objetivos que foram delineados pelo pesquisador, considerando-se também as características de cada área do conhecimento. Sob o ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa pode ser considerada qualitativa e quantitativa.

A esse respeito, Severino (2007) explica as diferenças que ocorrem quando se trata de pesquisa quantitativa ou qualitativa, ou ainda quando se fala de metodologia quantitativa e qualitativa:

[...] apesar da liberdade de linguagem consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia particular. Daí ser preferível falar-se de abordagem quantitativa, de abordagem qualitativa, pois como essas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas (SEVERINO, 2007, p. 119).

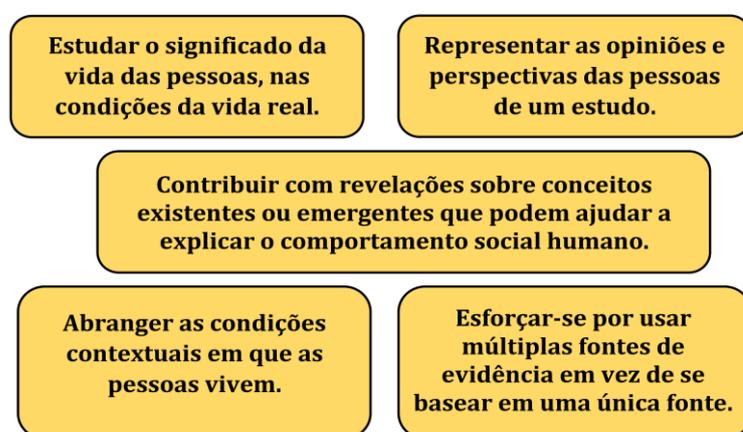
Entrementes, Minayo (2009) reverbera que a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Ainda na perspectiva de Minayo (2009, p. 21), a pesquisa qualitativa trabalha com o “[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Isso significa que tal abordagem foca no caráter subjetivo do objeto estudado como uma maneira de interpretar a realidade social, deixando a quantificação de variáveis de lado.

Na abordagem qualitativa, conforme Oliveira *et al.* (2020),

[...] o pesquisador é parte integrante e ativa do processo de produção/elaboração do conhecimento, analisando e interpretando os dados obtidos, atribuindo-lhes um sentido contextualizado. O dado analisado não é hermético, cristalizado e neutro, possui sentidos e relações que os indivíduos criam a partir de suas próprias ações e reações sobre o tema estudado (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 02).

Para Yin (2016) a pesquisa qualitativa apresenta cinco características importantes. A Figura 1 apresenta essas características.

Figura 1 - características da pesquisa qualitativa.



Fonte: Autoria própria conforme ideias expressas por Yin (2016, p. 18).

Chizzotti (1998, p. 83), por sua vez, esclarece que “[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Isso porque o referido autor considera que “[...] “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado”.

No entendimento de Flick (2004), a pesquisa qualitativa evita números e lida com interpretações da realidade social, o que difere da pesquisa quantitativa, que prioriza números e modelos estatísticos.

Com base nesses enfoques teóricos, é válido afirmar que a abordagem qualitativa trabalha com as relações humanas, seus significados e intencionalidades. Isso contrapõe a ideia de dados quantitativos por não recorrer ao instrumental estatístico na análise das informações, o que requer uma verificação interpretativa por parte do investigador.

Isso significa que o pesquisador é parte integrante do processo de produção do conhecimento.

Corroborando com essa assertiva, Triviños (1987) afirma que nesse tipo de pesquisa, comumente, segue-se um itinerário ao realizar um estudo. O pesquisador qualitativo, que considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, apoia-se em técnicas e métodos que têm as características de ressaltar a implicação da pessoa que fornece a informação: entrevista semiestruturada, aberta ou livre, questionário aberto, observação livre ou participante e método clínico de análise de conteúdo. Assim, é necessário adotar algumas técnicas e métodos específicos da pesquisa qualitativa, prioritariamente sobre uma base de uma orientação teórico-metodológica clara e bem definida anteriormente.

Nesta perspectiva, cabe ao pesquisador obter os dados que oferecerão base para alcançar os objetivos pretendidos para a pesquisa. Logo, a entrevista como fonte de informação é uma alternativa viável como instrumento de coleta dos dados em pesquisas científicas.

3. A entrevista na pesquisa qualitativa

No entendimento de Minayo (2009, p. 64), entrevista “[...] é uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”.

Lakatos e Marconi (2002, p. 92) definem entrevista como “[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Gil (2007) explica que a condução da entrevista requer habilidade e cuidados por parte do entrevistador e que a mesma vai depender dos objetivos e circunstâncias que a envolvem. Com relação à preparação do roteiro de entrevista, esse mesmo autor assevera que vai depender do tipo de entrevista a ser adotado. Quanto ao contato inicial é recomendado, desde o início do estudo, a criação de uma atmosfera de simpatia e cordialidade, que deverá ser mantida até o final da entrevista.

Gil (2007) adverte que quando a resposta for incompleta ou obscura, cabe ao entrevistador utilizar alguma técnica que incentive o entrevistado a conceder uma resposta mais exata, mas deve-se atentar para não prejudicar a padronização. O autor aconselha também a “[...] registrar as respostas” no decorrer das entrevistas por meio de

anotações ou gravador. Vale ressaltar, que a anotação traz o limite da memória humana que não proporciona a retenção da totalidade da informação, advindo daí a distorção dos elementos subjetivos. A entrevista deverá ser encerrada em clima de cordialidade por questões técnicas e éticas.

No que concerne à sua estruturação, as entrevistas podem ser classificadas como: entrevista estruturada, semi-estruturada, a história de vida e a entrevista com grupos focais.

Gil (2007, p. 121) explica que a entrevista estruturada “[...] desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número”.

Já na entrevista semi-estruturada, conforme Minayo (2009), há uma combinação de perguntas fechadas e abertas, no entanto, o entrevistado tem liberdade para se posicionar favorável ou não sobre o tema, sem se prender à pergunta formulada.

Quanto à história de vida, Souza (2008) reconhece a abertura para aplicação de diversas fontes orais e escritas, podendo ser alguns documentos pessoais, a saber: cartas, diários, fotografias, autobiografias e objetos pessoais; assim como as entrevistas biográficas orais e escritas. Nesse ponto de vista, a história de vida valoriza as experiências pessoais e profissionais, levando em consideração a voz do sujeito e o conhecimento de si mesmo.

Chizzotti (1998) entende que a história de vida,

É um instrumento de pesquisa que valoriza a obtenção de informações contidas na vida de uma ou de várias pessoas e pode ter forma literária tradicional como memórias, crônicas ou relatos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo das épocas ou períodos históricos. [...] pode ter a forma autobiográfica, onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. Pode ser um discurso livre de percepções subjetivas ou recorrer a fontes documentais para fundamentar as afirmações e relatos pessoais (CHIZZOTTI, 1998, p. 95).

4. A Técnica de Grupo Focal

Ainda que de forma sucinta, é interessante apresentar um breve histórico sobre o surgimento do Grupo Focal (GF), assim como sua estruturação como técnica qualitativa de pesquisa.

O Grupo Focal (GF) foi estruturado inicialmente como técnica de Marketing nos anos de 1920, sendo utilizada em pesquisas sociais, objetivando conhecer o potencial de persuasão de propagandas durante a 2ª Guerra Mundial. Nessa perspectiva, é válido lembrar que o mesmo é uma técnica valiosa de pesquisa por ter um custo relativamente baixo, associado a um tempo rápido que contribuem para o uso da técnica de grupos focais nas pesquisas de marketing (IERVOLINO, PELICIONE, 2001; TRAD, 2005).

Os estudos de Gatti (2005) indicam que na década de 1970 tornou-se comum a utilização de grupos de discussão como fonte de informação na pesquisa em comunicação e que somente no início dos anos 1980 os grupos focais foram redescobertos e revitalizados para uso nos estudos científicos nas ciências humanas e sociais. Nesta perspectiva, Flick (2009) evidencia que a técnica de Grupo Focal passou por um tipo de renascimento.

Dentro desse panorama, de acordo com Gomez (2005), há uma polêmica instaurada no campo das ciências sociais entre os pesquisadores que utilizam e concebem o Grupo Focal de forma diferenciada:

Em áreas como a publicidade, marketing, saúde, planejamento e gestão, os grupos focais se configuram mais como um processo de entrevista coletiva em que os trabalhos são desenvolvidos de forma operativa, com a adoção de procedimentos estruturados, controlados por questões específicas e num tempo determinado (GOMEZ, 2005, p. 40).

Do ponto de vista desse autor, há áreas como sociologia, psicologia social, antropologia social e educação em que se privilegia o processo interacional. Ademais, o referido autor reconhece que cada vez mais a técnica de Grupo Focal tem ampliado seus propósitos, estando a cargo da criatividade do pesquisador.

Com base neste retrospecto inicial, verifica-se que muitas definições apareceram. Assim, é interessante ressaltar algumas concepções referentes aos grupos focais.

De acordo com Powell e Single, citado por Gatti (2005, p.7), Grupo Focal “[...] é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”.

Barbour (2009) defende que o Grupo Focal é qualquer discussão realizada em grupo, desde que o pesquisador esteja atento, encorajando as interações do grupo. Do ponto de vista dessa autora, os grupos focais são mais usados na fase exploratória da pesquisa.

Encontramos o termo “focal” nos estudos de Wenzel (2012), que não está relacionado a uma técnica individual, pois

Usa-se a expressão ‘focal’ porque as conversações são realizadas como uma atividade coletiva, como realizar uma tarefa, assistir um filme e depois debater sobre esse assunto com um conjunto específico de questões. Embora se possa confundir com entrevistas grupais, a ideia é um pouco mais ampla, no sentido de que os participantes expõem suas ideias e comentários (WENZEL, 2012, p. 55).

Souza (2020) traz um olhar interessante ao focar o Grupo Focal (GF) em pesquisas científicas e em vários tipos de intervenções, posto que:

[...] é muito utilizado em pesquisas científicas e em intervenções, especialmente em intervenções sociais, educativas, terapêuticas e motivacionais. É ferramenta de bom potencial para gerar dados que contribuam para ações voltadas ao bem-estar e à qualidade de vida. É valorizado principalmente em estudos de abordagem predominantemente qualitativa (SOUZA, 2020, p. 2).

Gatti (2005, p. 13) nos lembra que uma das vantagens do Grupo Focal é que ele “[...] oferece boa oportunidade para o desenvolvimento de teorizações em campo, a partir do ocorrido e do falado. Ele se presta muito para a geração de teorizações exploratórias até mais do que a verificação ou teste de hipóteses prévias”. Nesse seguimento, a autora reforça que a riqueza que emerge na interação grupal, geralmente, “[...] extrapola em muito as ideias prévias, surpreende, coloca novas categorias e formas de entendimento, que dão suporte a inferências novas e proveitosas relacionadas com o problema em exame”.

Gatti (2005) destaca que o Grupo Focal, como técnica de pesquisa, tem sua própria constituição e desenvolvimento em razão do problema da mesma. Nesta perspectiva, é necessário que a problematização esteja clara, pois favorecerá o levantamento das questões relevantes e contextualizadas, assim como a elaboração de um roteiro preliminar de trabalho com o grupo. Esse guia deve ser usado com flexibilidade para que ajustes possam ser feitos no decorrer do trabalho. Isso significa

que o próprio processo grupal deve ser flexível para não perder os objetivos da pesquisa.

Em sua pesquisa de dissertação, Nicaretta (2013) defende a relevância dos objetivos bem definidos e do roteiro bem planejado. Nesse sentido, chama atenção para a flexibilidade que se deve ter, pois pode aparecer pontos que não foram planejados anteriormente.

Quanto ao número de participantes, alguns autores apresentam sugestões importantes, é o caso de Flick (2009) que defende que o Grupo Focal compreenda de cinco a nove pessoas. Também sugere que o trabalho seja feito com pessoas estranhas ao invés de um grupo de amigos ou conhecidos, por exemplo, pois o nível de fatos pressupostos e que permanecem implícitos tende a ser maior nesse tipo de abordagem.

No entendimento de Gil (2007), o Grupo Focal deve ter no mínimo seis e no máximo dez participantes. A esse respeito, Gatti (2005) instrui sobre o número de participantes, que para ele deve ser, de preferência, entre 6 e 12 pessoas. Grupos maiores restringem a troca de ideias, o registro e o aprofundamento sobre a temática. Outra observação relevante indicada pela referida autora é de não se misturar pessoas que conhecem o moderador do grupo, ou pessoas que já se conhecem no mesmo grupo. Isso devido à formação de subgrupos de controle que podem centralizar ou coibir a discussão, o que dificulta a interação mais livre.

Outro ponto distintivo para Gatti (2005) é em relação ao convite e à motivação, que são etapas delicadas na criação do Grupo Focal, pois mesmo com a adesão dos participantes pode haver ausências de última hora. Em consonância com tal contexto, Nery (2006, p. 57) ajuda-nos a compreender que “[...] é importante determinar um número ideal de grupos, durante o planejamento da coleta, porém deve-se deixar disponível um número maior, caso seja necessário recompor os grupos por conta das ausências de alguns integrantes”.

Gatti (2005) sugere que o local dos encontros deve ser adequado para promover maior interação entre os participantes. A sugestão é de que a disposição das cadeiras seja em círculo ou em volta de uma mesa. Trad (2009) recomenda que para realização dos grupos, os espaços sejam neutros e de fácil acesso às pessoas. Assim como disponibilizar água, café e lanche para os participantes.

Com relação ao registro, Gatti (2005) faz sugestões de como proceder ao registro, podendo ser usado um ou dois relatores, sendo que a formação e a preparação dos

mesmos são importantes e no final da sessão a sugestão é de que se faça uma revisão das anotações. A autora ressalta ainda que a gravação em áudio é o mais usado para registrar o trabalho do Grupo Focal.

Trad (2009) ratifica o posicionamento de Gatti (2005) ao focar os equipamentos para se registrar o trabalho com Grupo Focal, argumentando que:

Quanto aos equipamentos requeridos, o uso de gravadores (mínimo dois) é considerado imprescindível. Para potencializar a qualidade do áudio na fase de transcrição, a presença de microfones revela-se especialmente útil. Câmaras, microfones e notebooks podem ser considerados recursos adicionais, cujo uso dependerá da utilização pretendida de som e imagem pelos pesquisadores. Vale ressaltar que a utilização de qualquer um destes recursos estará condicionada à expressa permissão dos participantes dos grupos. Este e outros aspectos, que serão discutidos mais adiante, integram os requisitos éticos no manuseio do GF (TRAD, 2009, p. 782).

Em relação ao papel do moderador na condução do Grupo Focal, é necessário que este tenha respeito ao princípio da não diretividade, e também deve ter cuidado para que a comunicação se desenvolva sem ingerências, tais como opiniões particulares, formas de intervenções diretas ou conclusões. Logo, o moderador deverá fazer encaminhamentos referentes ao tema, intervenções que favoreçam as trocas, bem como estar atento aos objetivos de trabalho do grupo. Ressalta, ainda, que é imprescindível experiência e flexibilidade que propiciem condições favoráveis à participação dos integrantes do grupo (GATTI, 2005).

Em sua tese, Nery (2006, p. 56) afirma que “[...] o moderador deve ter uma postura de facilitador perante o grupo, promovendo uma interação entre os participantes”. No entendimento de Flick (2009), o moderador deverá garantir a participação de todos, evitando favorecimentos a determinados participantes. Além disso, o moderador deve evitar expressar opinião pessoal para não influenciar a opinião dos participantes.

Gatti (2005) aborda sobre o tempo de duração dos encontros e o número de sessões a serem realizadas, ressaltando que o ideal é que estas deverão ser de uma hora e meia a três horas, pois geralmente duas sessões são suficientes. Gatti também salienta a importância da abertura dos encontros e que para a realização dos mesmos deve-se criar uma atmosfera agradável e fornecer informações para que os participantes tenham

ciência da duração e da rotina da reunião. Neste ínterim, deve-se enfatizar o sigilo dos registros e dos nomes dos participantes.

5. Concluindo

A tônica deste estudo circundou as concepções e características da pesquisa científica, bem como as diferenças e especificidades entre a pesquisa quantitativa e qualitativa. Tratou-se também da técnica da entrevista sob o prisma de alguns teóricos metodológicos.

De forma mais específica, abordou-se a técnica de entrevista de Grupo Focal, enfatizando a sua definição, sua organização e o seu desenvolvimento. Essa técnica tem sido muito utilizada em pesquisas sociais e humanas, pois em pouco tempo e com baixo custo pode-se investigar questões complexas, entendê-las detalhadamente, e a partir disso, buscar a produção de novos conhecimentos.

Pelo exposto, no decorrer deste artigo, pode-se asseverar que Grupo Focal (GF) é uma técnica de investigação cujo objetivo é obter informações provenientes da interação entre os participantes de um determinado grupo, e cujo tema é de interesse do pesquisador e este deve respeitar o princípio da não diretividade.

Referências

- BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- CERVO, A. L. **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Person Prentice Hall, 2007.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo, SP: Cortez, 1998.
- FLICK, U. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2007.
- GOMES, S. R. Grupo Focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. **Cadernos de Pós-Graduação**, São Paulo, SP, v. 4, Educação, p. 39-45, 2005.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONE, M. C. A utilização do Grupo Focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, SP, v.35, n.2, p. 115-21, jun. 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2002.

LEFEHL, N. A. S.; BARROS, A. J. P. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NERY, A. A. **Necessidade de saúde na estratégia de saúde da família, no município de Jequié-BA**: em busca de uma tradução. 2006. 133f. Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Enfermagem Materno-Infantil da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2006.

NICARETTA, E. I. **Problematizando Educação, Matemática (s) e tecnologias numa prática pedagógica no Ensino Fundamental**. 2013. 149f. Dissertação – Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, RS, 2013.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa?. In: **Cadernos da Fucamp**, UNIFUCAMP, v.19, n.41, p.1-13, Monte Carmelo, MG, 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2007.

SOUZA, L. K. Recomendações para a Realização de Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa. **PSI UNISC**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 52-66, jan. 2020.

SOUZA, M. C. C. C. **A escola e a memória**. Bragança Paulista, SP: IFANCDAPH. Editora da Universidade de São Francisco. EDUSF, 2008.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva [online], v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

VILELA JUNIOR, G. B.; PASSOS, R. P. (orgs.). **Metodologia da pesquisa científica e bases epistemológicas**. Campinas, SP: CPAQV, 2020.

WENETZ, I. **Presentes na escola e ausentes na rua. Brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade**. 2012. 229f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS, 2012.

YIN. R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2016.